

MÍDIAS DIGITAIS E TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL E ESTRATÉGIAS DE MEDIAÇÃO NA ESCOLA E FAMÍLIA

DIGITAL MEDIA AND AUTISM SPECTRUM DISORDER (ASD): IMPACTS ON MENTAL HEALTH AND MEDIATION STRATEGIES IN SCHOOL AND FAMILY

 <https://doi.org/10.63330/armv2n5-088>

Submetido em: 02/06/2026 e Publicado em: 09/06/2026

Flaviane Mello de Anchieta

Mestre em Educação Inclusiva e Diversidade

E-mail: pesquisas.flaviane@gmail.com

Juliana da Silva Paz Faria

Graduanda em Pedagogia - Universidade de Vassouras

E-mail: jujuangelpaz@gmail.com

Rhanna Silva de Souza Cimbra

Graduanda em Pedagogia - Universidade de Vassouras

E-mail: rhanna18072015@gmail.com

Rosana Gildo Vieira

Docente nos cursos de graduação e pós-graduação, membro do Conselho Universitário e do Observatório da Educação da Universidade de Vassouras

E-mail: rosanagildo@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1868007382626180>

RESUMO

O avanço das tecnologias digitais tem provocado transformações significativas nas formas de comunicação, interação social e aprendizagem na sociedade contemporânea. Nesse contexto, crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) passaram a utilizar com maior frequência dispositivos eletrônicos, aplicativos educacionais, jogos digitais e plataformas online, tanto nos ambientes escolares quanto familiares. Embora essas ferramentas possam favorecer a comunicação, a inclusão e o desenvolvimento cognitivo, também podem produzir impactos negativos quando utilizadas de forma excessiva ou sem mediação adequada. O presente estudo tem como objetivo analisar os efeitos das mídias digitais na saúde mental de crianças e adolescentes com TEA, identificando benefícios, riscos e estratégias de mitigação desenvolvidas pela escola e pela família. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e bibliográfica, fundamentada nas contribuições teóricas de Paulo Freire, Lev Vygotsky, José Moran, Vani Moreira Kenski, além das reflexões de Sherry Turkle e Jean Twenge sobre os impactos das tecnologias digitais nas relações humanas e na saúde mental. A análise da literatura evidencia que as tecnologias digitais podem atuar como importantes instrumentos de aprendizagem, comunicação e inclusão de crianças e adolescentes com TEA



quando utilizadas de forma planejada, crítica e mediada pela escola e pela família. Entretanto, o uso excessivo das telas pode intensificar sintomas relacionados à ansiedade, isolamento social, dependência tecnológica e dificuldades de autorregulação emocional. Conclui-se que a mediação compartilhada entre escola e família constitui elemento essencial para potencializar os benefícios das tecnologias digitais e minimizar seus impactos negativos sobre a saúde mental e o desenvolvimento socioemocional de crianças e adolescentes com TEA.

Palavras-chave: Mídias digitais; Transtorno do Espectro Autista; Saúde mental; Inclusão escolar; Tecnologia educacional.

ABSTRACT

The advancement of digital technologies has brought about significant transformations in the forms of communication, social interaction, and learning in contemporary society. In this context, children and adolescents with Autism Spectrum Disorder (ASD) have begun to use electronic devices, educational applications, digital games, and online platforms more frequently, both in school and family environments. Although these tools can promote communication, inclusion, and cognitive development, they can also produce negative impacts when used excessively or without adequate mediation. This study aims to analyze the effects of digital media on the mental health of children and adolescents with ASD, identifying benefits, risks, and mitigation strategies developed by the school and family. This is a qualitative, exploratory, and bibliographical research, based on the theoretical contributions of Paulo Freire, Lev Vygotsky, José Moran, Vani Moreira Kenski, as well as the reflections of Sherry Turkle and Jean Twenge on the impacts of digital technologies on human relationships and mental health. Analysis of the literature shows that digital technologies can act as important tools for learning, communication, and inclusion of children and adolescents with ASD when used in a planned, critical, and mediated way by the school and family. However, excessive screen use can intensify symptoms related to anxiety, social isolation, technological dependence, and difficulties in emotional self-regulation. It is concluded that shared mediation between school and family is an essential element to maximize the benefits of digital technologies and minimize their negative impacts on the mental health and socio-emotional development of children and adolescents with ASD.

Keywords: Digital media; Autism Spectrum Disorder; Mental health; School inclusion; Educational technology.



1 INTRODUÇÃO

As transformações tecnológicas ocorridas nas últimas décadas modificaram profundamente a maneira como os indivíduos se relacionam, aprendem e constroem conhecimentos. A expansão do acesso à internet, aos dispositivos móveis e às plataformas digitais consolidou uma nova realidade social marcada pela conectividade permanente. Nesse cenário, as mídias digitais passaram a ocupar papel central no cotidiano de crianças e adolescentes, influenciando diretamente os processos educativos, as formas de comunicação e as relações interpessoais.

Quando essa realidade é observada sob a perspectiva do Transtorno do Espectro Autista (TEA), surgem questões que merecem atenção especial. Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5-TR (APA, 2022), o Transtorno do Espectro Autista caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação e interação social, associados a padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Essas características podem influenciar significativamente os processos de aprendizagem, socialização e desenvolvimento emocional, exigindo estratégias pedagógicas e tecnológicas adequadas às necessidades individuais dos estudantes. Em razão dessas características, os recursos tecnológicos frequentemente assumem papel relevante na rotina desses indivíduos, funcionando como ferramentas de aprendizagem, comunicação e organização das atividades diárias.

Entretanto, os benefícios proporcionados pelas tecnologias digitais coexistem com desafios importantes. A crescente presença das telas na vida cotidiana tem gerado debates sobre seus efeitos na saúde mental, especialmente entre crianças e adolescentes. Nesse contexto, torna-se necessário compreender como as mídias digitais influenciam o desenvolvimento emocional, social e educacional de indivíduos com TEA, bem como identificar estratégias capazes de potencializar seus benefícios e minimizar possíveis prejuízos.

As contribuições de Lev Vygotsky oferecem fundamentos importantes para essa discussão. Para o autor, o desenvolvimento humano ocorre por meio das interações sociais e da mediação cultural. A aprendizagem não é compreendida como um processo individual e isolado, mas como resultado da participação ativa do sujeito em práticas sociais compartilhadas. Sob essa perspectiva, as tecnologias digitais podem ser entendidas como instrumentos culturais capazes de ampliar oportunidades de aprendizagem e comunicação, desde que estejam inseridas em contextos de interação significativa.

Essa compreensão dialoga diretamente com as reflexões de Paulo Freire. Ao defender uma educação fundamentada no diálogo, na autonomia e na formação crítica, Freire argumenta que os recursos tecnológicos somente adquirem sentido educativo quando colocados a serviço da emancipação humana. Para o educador, a tecnologia não deve substituir as relações humanas, mas fortalecer processos de participação, reflexão e construção coletiva do conhecimento. Dessa forma, a presença das mídias digitais



na educação de estudantes com TEA exige uma utilização consciente, capaz de promover inclusão sem comprometer a dimensão humana do processo educativo.

Ao mesmo tempo em que Vygotsky e Freire destacam as potencialidades das interações mediadas para o desenvolvimento humano, Sherry Turkle chama atenção para os desafios decorrentes da crescente dependência tecnológica. Segundo a autora, a sociedade contemporânea experimenta uma condição paradoxal: os indivíduos encontram-se permanentemente conectados, mas frequentemente mais distantes em termos emocionais e relacionais. Em suas análises, Turkle demonstra que a substituição progressiva das interações presenciais por experiências digitais pode reduzir oportunidades de construção de vínculos profundos e significativos.

As reflexões de Turkle encontram respaldo nas pesquisas desenvolvidas por Jean Twenge. Ao investigar os hábitos digitais das novas gerações, a autora identifica associações entre o aumento do tempo de exposição às telas e o crescimento de indicadores relacionados à ansiedade, isolamento social, depressão e redução do bem-estar psicológico. Embora tais efeitos possam atingir diferentes grupos sociais, tornam-se especialmente relevantes quando considerados os desafios enfrentados por crianças e adolescentes com TEA em seus processos de interação social e regulação emocional.

Observa-se, portanto, uma importante convergência entre os quatro autores que fundamentam esta pesquisa. Enquanto Vygotsky e Freire enfatizam a centralidade das relações sociais para a aprendizagem e o desenvolvimento humano, Turkle e Twenge alertam para os riscos que surgem quando a tecnologia passa a ocupar espaços anteriormente destinados às interações humanas significativas. Esse diálogo teórico permite compreender que o problema não está na tecnologia em si, mas na forma como ela é utilizada e mediada pelos diferentes agentes sociais.

As contribuições de Vygotsky, Freire, Moran e Kenski oferecem fundamentos importantes para essa discussão. Enquanto Vygotsky e Freire enfatizam a aprendizagem mediada pelas interações sociais, Moran e Kenski destacam o potencial das tecnologias digitais para promover práticas pedagógicas inovadoras, inclusivas e centradas no estudante.

Diante desse cenário, o presente estudo tem como objetivo analisar os impactos das mídias digitais na saúde mental de crianças e adolescentes com TEA, identificando benefícios, riscos e estratégias de mitigação desenvolvidas pela escola e pela família.

2 PROBLEMATIZAÇÃO

As mídias digitais tornaram-se elementos centrais na vida cotidiana contemporânea, influenciando profundamente as formas de comunicação, aprendizagem e interação social. O acesso cada vez mais precoce a dispositivos eletrônicos, redes sociais, plataformas digitais e aplicativos educacionais tem



produzido mudanças significativas nos hábitos de crianças e adolescentes, repercutindo diretamente em seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social.

No contexto do Transtorno do Espectro Autista (TEA), essa realidade apresenta características ainda mais complexas. Muitos indivíduos com TEA demonstram interesse significativo por recursos tecnológicos, utilizando-os como ferramentas de comunicação, entretenimento, organização de rotinas e aprendizagem. Em diversos casos, as mídias digitais favorecem a inclusão social e educacional, permitindo que crianças e adolescentes encontrem novas formas de interação e expressão.

Entretanto, o uso excessivo ou inadequado desses recursos pode produzir consequências negativas. "Conforme discutem Moran (2015) e Kenski (2012), as tecnologias digitais oferecem importantes oportunidades de aprendizagem e inclusão, mas exigem planejamento pedagógico, acompanhamento familiar e uso consciente para que seus benefícios sejam plenamente alcançados."

Sob a perspectiva de Vygotsky (2007), o desenvolvimento humano ocorre por meio das relações sociais e das experiências compartilhadas. Freire (1996), por sua vez, ressalta que a formação dos sujeitos depende do diálogo e da construção coletiva do conhecimento. Dessa forma, surge uma importante questão: até que ponto as mídias digitais fortalecem os processos de desenvolvimento e inclusão e em que momento passam a representar riscos para a saúde mental e para a qualidade das relações humanas?

Diante dessas reflexões, a presente pesquisa busca responder ao seguinte problema: Como as mídias digitais influenciam a saúde mental de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista e quais estratégias podem ser desenvolvidas pela escola e pela família para potencializar seus benefícios e minimizar seus impactos negativos?

Sendo assim, o objetivo geral deste trabalho consiste em analisar os impactos das mídias digitais na saúde mental de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), identificando benefícios, riscos e estratégias de mitigação desenvolvidas pela escola e pela família.

Tal questionamento torna-se relevante diante da crescente presença das tecnologias digitais na vida de crianças e adolescentes com TEA, exigindo reflexões sobre os limites e possibilidades desses recursos no contexto da inclusão educacional e da promoção da saúde mental.

3 MÍDIAS DIGITAIS, TEA E SAÚDE MENTAL: FUNDAMENTAÇÃO DA PESQUISA

A crescente presença das tecnologias digitais na vida cotidiana tem provocado importantes transformações sociais, culturais e educacionais. Crianças e adolescentes passaram a conviver intensamente com dispositivos eletrônicos desde os primeiros anos de vida, estabelecendo novas formas de interação, comunicação e acesso à informação. Nesse contexto, torna-se fundamental compreender como tais transformações afetam indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), especialmente no que se refere à saúde mental e aos processos de inclusão educacional.



A relevância desta pesquisa está relacionada à necessidade de ampliar o conhecimento sobre os efeitos das mídias digitais em um público que apresenta características específicas de desenvolvimento. Embora diversos estudos apontem benefícios associados ao uso das tecnologias digitais, também se observa um aumento das preocupações relacionadas aos impactos emocionais decorrentes do uso excessivo das telas.

As contribuições de Vygotsky e Freire permitem compreender a importância das relações sociais e da mediação educativa na construção do conhecimento. "As contribuições de Moran e Kenski ampliam essa discussão ao enfatizarem que as tecnologias digitais podem favorecer a inovação pedagógica, a aprendizagem colaborativa e a inclusão educacional quando utilizadas de forma planejada e integrada aos processos de ensino."

Ao promover o diálogo entre esses autores, este estudo busca oferecer uma compreensão mais ampla da temática, contribuindo para o desenvolvimento de práticas pedagógicas inclusivas e estratégias familiares capazes de promover o uso saudável das tecnologias digitais. Além disso, a pesquisa pretende fornecer subsídios teóricos que possam auxiliar educadores, familiares e profissionais da área da educação na construção de ambientes digitais mais seguros, equilibrados e humanizados.

A importância social deste trabalho também se justifica pelo crescimento dos diagnósticos de TEA e pela expansão constante das tecnologias digitais na sociedade contemporânea. Compreender a relação entre esses dois fenômenos representa um passo importante para a promoção da inclusão, da saúde mental e da qualidade de vida de crianças e adolescentes autistas.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza exploratória e bibliográfica. A abordagem qualitativa foi escolhida por possibilitar uma compreensão aprofundada dos fenômenos sociais e educacionais relacionados ao uso das mídias digitais por indivíduos com Transtorno do Espectro Autista.

O caráter exploratório da investigação justifica-se pela necessidade de ampliar a compreensão sobre uma temática que envolve diferentes áreas do conhecimento, incluindo educação, psicologia, inclusão escolar, tecnologia e saúde mental. A pesquisa busca identificar relações, tendências e contribuições teóricas capazes de explicar os impactos das mídias digitais no desenvolvimento de crianças e adolescentes com TEA.

O procedimento metodológico adotado foi a pesquisa bibliográfica, realizada por meio da análise de livros, artigos científicos, dissertações, teses e documentos acadêmicos relacionados ao tema. "O referencial teórico foi construído principalmente a partir das contribuições de Paulo Freire, Lev Vygotsky, José Moran e Vani Moreira Kenski, autores que oferecem importantes fundamentos para a compreensão das relações entre educação, tecnologias digitais, aprendizagem e inclusão."



O material bibliográfico selecionado foi submetido à análise temática, organizada nas seguintes categorias: benefícios das mídias digitais para indivíduos com TEA; riscos associados ao uso excessivo das tecnologias; mediação pedagógica; participação familiar; e estratégias de mitigação voltadas à promoção do uso equilibrado das tecnologias digitais.

A interpretação dos resultados foi realizada de forma crítica e reflexiva, buscando estabelecer relações entre as diferentes perspectivas teóricas analisadas e os desafios observados na realidade contemporânea. Dessa forma, pretende-se construir uma compreensão abrangente sobre o papel das mídias digitais na vida de crianças e adolescentes com TEA, contribuindo para o desenvolvimento de práticas educativas mais inclusivas e humanizadas.

5 DESENVOLVIMENTO HUMANO, APRENDIZAGEM E MEDIAÇÃO SOCIAL

A compreensão dos impactos das mídias digitais na vida de crianças e adolescentes com TEA exige a análise dos processos de desenvolvimento humano e aprendizagem. Nesse sentido, as contribuições de Lev Vygotsky e Paulo Freire oferecem importantes fundamentos teóricos.

Para Vygotsky (2007), o desenvolvimento humano não ocorre de maneira isolada, mas por meio das relações sociais estabelecidas ao longo da vida. O autor defende que as funções psicológicas superiores são construídas através da interação entre o indivíduo e seu contexto sociocultural. Sob essa perspectiva, a aprendizagem é entendida como um processo mediado por instrumentos culturais, linguagens e relações humanas que possibilitam a construção de novos conhecimentos.

Essa concepção torna-se especialmente relevante quando analisada a realidade de indivíduos com TEA. As tecnologias digitais podem funcionar como instrumentos mediadores capazes de ampliar oportunidades de comunicação, interação e aprendizagem. Conforme Kenski (2021), os recursos tecnológicos potencializam a construção do conhecimento quando integrados a propostas pedagógicas intencionais, favorecendo a participação ativa dos estudantes e ampliando possibilidades de inclusão educacional.

Entretanto, Vygotsky enfatiza que nenhum instrumento cultural produz desenvolvimento de forma automática. O potencial educativo das tecnologias depende da existência de processos de mediação conduzidos por professores, familiares e outros sujeitos que participam da formação da criança. Dessa forma, a tecnologia somente contribui para o desenvolvimento quando integrada a relações humanas significativas.

As reflexões de Paulo Freire dialogam diretamente com essa perspectiva. Para Freire (1996), a educação constitui um processo de construção coletiva do conhecimento baseado no diálogo, na participação ativa dos sujeitos e na reflexão crítica sobre a realidade. O educador rejeita modelos de ensino



centrados na simples transmissão de conteúdos, defendendo práticas pedagógicas que favoreçam a autonomia e a emancipação humana.

Ao relacionar as ideias de Freire ao contexto das mídias digitais, percebe-se que a presença da tecnologia na educação não garante, por si só, a aprendizagem. Assim como Vygotsky, Freire compreende que os instrumentos utilizados no processo educativo adquirem significado apenas quando colocados a serviço do desenvolvimento humano. Nesse sentido, a utilização das tecnologias digitais com estudantes autistas deve ultrapassar perspectivas meramente técnicas, buscando promover experiências educativas capazes de fortalecer a participação, a autonomia e a inclusão social.

Observa-se, portanto, uma importante convergência entre os dois autores. Enquanto Vygotsky destaca a importância da mediação social para o desenvolvimento cognitivo, Freire enfatiza o papel do diálogo e da consciência crítica na formação humana. Ambos reconhecem que o conhecimento é construído coletivamente e que a aprendizagem depende da qualidade das relações estabelecidas entre os sujeitos.

5.1 MÍDIAS DIGITAIS E INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM TEA

As tecnologias digitais têm ampliado as possibilidades de inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista, favorecendo a comunicação, a organização das rotinas e o acesso ao conhecimento. Aplicativos educacionais, recursos visuais e ferramentas de comunicação alternativa podem contribuir para a participação dos estudantes nos ambientes escolares.

Sob a perspectiva de Vygotsky, esses recursos funcionam como instrumentos mediadores do desenvolvimento, enquanto Freire destaca a necessidade de práticas pedagógicas que valorizem a participação ativa dos sujeitos. Nesse contexto, a tecnologia pode favorecer processos de inclusão quando integrada a propostas educativas significativas.

As contribuições de Maria Teresa Eglér Mantoan reforçam essa compreensão ao defender que a inclusão escolar depende da valorização das diferenças e da adaptação das práticas pedagógicas às necessidades dos estudantes. Assim, as tecnologias digitais tornam-se importantes instrumentos de apoio, desde que associadas à mediação pedagógica e à construção de ambientes educacionais acolhedores e participativos.

5.2 TECNOLOGIAS DIGITAIS, INOVAÇÃO EDUCACIONAL E MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA: O DIÁLOGO ENTRE FREIRE, VYGOTSKY, MORAN E KENSKI

As transformações provocadas pelas tecnologias digitais têm gerado mudanças significativas nos processos de ensino e aprendizagem. No contexto educacional contemporâneo, os recursos tecnológicos deixaram de ser apenas ferramentas complementares e passaram a ocupar papel relevante na construção do conhecimento, favorecendo novas formas de interação, comunicação e acesso à informação. Nesse cenário,



as contribuições de José Moran e Vani Moreira Kenski oferecem importantes fundamentos para compreender o potencial das tecnologias digitais na promoção de práticas educativas mais inclusivas, participativas e inovadoras.

Para Moran (2015), a educação contemporânea deve ultrapassar modelos tradicionais centrados na transmissão de conteúdos e avançar em direção a metodologias que valorizem a participação ativa dos estudantes. O autor destaca que as tecnologias digitais ampliam as possibilidades de aprendizagem ao permitir o acesso a múltiplas fontes de informação, estimular a autonomia dos alunos e favorecer experiências educativas mais dinâmicas e personalizadas. Dessa forma, os recursos tecnológicos tornam-se importantes ferramentas para a construção do conhecimento e para o desenvolvimento de competências necessárias à sociedade contemporânea.

As metodologias ativas constituem um dos principais elementos discutidos por Moran. Segundo o autor, estratégias que colocam o estudante no centro do processo educativo favorecem maior engajamento, protagonismo e significado nas aprendizagens. Recursos digitais, ambientes virtuais de aprendizagem, jogos educativos, aplicativos interativos e plataformas colaborativas possibilitam que os alunos participem de forma mais efetiva da construção do conhecimento, tornando o processo educativo mais inclusivo e estimulante.

Nesse contexto, o ensino híbrido também ganha destaque. Moran argumenta que a integração entre atividades presenciais e digitais amplia as oportunidades de aprendizagem, permitindo que os estudantes desenvolvam conhecimentos em diferentes tempos e espaços. Essa abordagem mostra-se particularmente relevante para crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), uma vez que possibilita maior flexibilização das estratégias pedagógicas, respeitando ritmos, interesses e necessidades específicas de cada estudante.

As contribuições de Kenski (2012) complementam essa perspectiva ao enfatizar que as tecnologias digitais transformam não apenas os instrumentos utilizados na educação, mas também as formas de ensinar e aprender. Para a autora, a incorporação das tecnologias ao ambiente escolar exige mudanças nas práticas pedagógicas e na organização dos processos educativos. O uso adequado dos recursos tecnológicos pode favorecer a inclusão digital, ampliar a participação dos estudantes e criar oportunidades para aprendizagens mais significativas.

No caso dos estudantes com TEA, as tecnologias digitais podem atuar como importantes instrumentos de inclusão educacional. Aplicativos de comunicação alternativa, recursos visuais, plataformas adaptativas e softwares educativos possibilitam a personalização das experiências de aprendizagem, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo, comunicacional e social. Essa aprendizagem personalizada permite que as particularidades de cada estudante sejam consideradas no planejamento pedagógico, favorecendo sua participação ativa nos processos educacionais.



Entretanto, tanto Moran quanto Kenski destacam que a simples presença da tecnologia não garante melhorias na aprendizagem. O potencial educativo dos recursos digitais depende diretamente da mediação pedagógica realizada pelos professores. A atuação docente torna-se fundamental para selecionar ferramentas adequadas, organizar atividades significativas e promover experiências educativas que articulem tecnologia, interação social e construção do conhecimento.

Nesse sentido, a formação docente assume papel estratégico. Kenski ressalta que os educadores precisam desenvolver competências relacionadas ao uso pedagógico das tecnologias, compreendendo suas possibilidades, limites e formas de aplicação nos diferentes contextos educacionais. A formação continuada dos professores contribui para que os recursos tecnológicos sejam utilizados de maneira crítica, planejada e alinhada aos objetivos educacionais.

Observa-se, portanto, que as contribuições de Moran e Kenski reforçam a compreensão de que as tecnologias digitais podem constituir importantes instrumentos de aprendizagem, inclusão e inovação pedagógica. Quando associadas à mediação docente, às metodologias ativas e a propostas educativas centradas nas necessidades dos estudantes, essas ferramentas tornam-se capazes de favorecer processos de aprendizagem mais significativos, colaborativos e inclusivos, especialmente para crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista.

Embora apresentem perspectivas distintas, Freire, Vygotsky, Moran e Kenski convergem ao reconhecer a importância da participação ativa dos sujeitos nos processos de aprendizagem. Vygotsky destaca a mediação social como elemento fundamental para o desenvolvimento humano, enquanto Freire enfatiza o diálogo, a autonomia e a construção coletiva do conhecimento.

No contexto das tecnologias digitais, Moran defende metodologias inovadoras que promovam o protagonismo dos estudantes, e Kenski ressalta a necessidade de integrar os recursos tecnológicos aos processos educativos de forma planejada e significativa. Para estudantes com TEA, essas contribuições evidenciam que as tecnologias digitais podem favorecer a inclusão, a comunicação e a aprendizagem quando associadas à mediação pedagógica, ao diálogo e à valorização das singularidades de cada sujeito. Embora os autores reconheçam o potencial das tecnologias digitais para a aprendizagem, ambos alertam que a inovação educacional não está na tecnologia em si, mas na intencionalidade pedagógica que orienta sua utilização. Dessa forma, a simples disponibilização de recursos tecnológicos não garante inclusão, sendo necessária uma prática educativa fundamentada na mediação docente e no acompanhamento contínuo do processo de aprendizagem.



6 AS POTENCIALIDADES DAS MÍDIAS DIGITAIS PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM TEA

O crescimento das tecnologias digitais tem proporcionado novas possibilidades para a inclusão educacional e social de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista. Recursos como aplicativos educativos, softwares de comunicação alternativa, plataformas interativas e jogos pedagógicos passaram a integrar o cotidiano de muitas crianças e adolescentes, contribuindo para diferentes dimensões do desenvolvimento humano.

Entre os benefícios mais frequentemente observados destaca-se o fortalecimento da comunicação. Muitas crianças com TEA apresentam dificuldades relacionadas à linguagem verbal e à interação social. Nesse contexto, ferramentas digitais podem funcionar como recursos facilitadores da expressão de sentimentos, desejos e necessidades, ampliando as oportunidades de participação em ambientes escolares e familiares.

Sob a perspectiva de Vygotsky (2007), esses recursos tecnológicos podem ser compreendidos como instrumentos mediadores que auxiliam os sujeitos na construção de novas aprendizagens. O autor argumenta que o desenvolvimento ocorre por meio da interação entre o indivíduo e os instrumentos culturais disponíveis em seu contexto social. Assim, quando utilizadas adequadamente, as tecnologias digitais tornam-se ferramentas capazes de favorecer o desenvolvimento cognitivo e social de estudantes com TEA.

As reflexões de Freire (1996) também permitem compreender o potencial educativo desses recursos. Para o autor, a aprendizagem ocorre quando os sujeitos participam ativamente da construção do conhecimento. Nesse sentido, as tecnologias digitais podem favorecer práticas pedagógicas mais dinâmicas, interativas e inclusivas, possibilitando que estudantes autistas assumam papel mais ativo em seu processo de aprendizagem.

Além disso, muitos recursos tecnológicos oferecem estímulos visuais e organizacionais que atendem às necessidades específicas de indivíduos com TEA. Agendas digitais, aplicativos de rotina, jogos estruturados e recursos multimodais frequentemente auxiliam na organização do cotidiano, reduzindo níveis de ansiedade relacionados a mudanças inesperadas e contribuindo para o desenvolvimento da autonomia.

A combinação entre mediação pedagógica, participação familiar e utilização consciente das tecnologias pode transformar os recursos digitais em importantes instrumentos de inclusão e desenvolvimento humano.



6.1 IMPACTOS DAS MÍDIAS DIGITAIS NA SAÚDE MENTAL DE INDIVÍDUOS COM TEA

O uso das tecnologias digitais tem produzido mudanças significativas nos processos de aprendizagem, comunicação e interação social de crianças e adolescentes. No contexto do Transtorno do Espectro Autista (TEA), esses recursos apresentam potencial para favorecer o desenvolvimento cognitivo, comunicacional e socioemocional, desde que utilizados de forma planejada e acompanhada por processos adequados de mediação.

Moran (2015) destaca que as tecnologias digitais ampliam as possibilidades de aprendizagem ao oferecer diferentes caminhos para o acesso ao conhecimento. Quando integradas a propostas pedagógicas significativas, elas favorecem o protagonismo dos estudantes, estimulam a autonomia e possibilitam experiências mais personalizadas de aprendizagem. Para crianças e adolescentes com TEA, esses recursos podem contribuir para a comunicação, a organização de rotinas e o desenvolvimento de habilidades sociais.

Entretanto, tanto Moran quanto Kenski (2012) ressaltam que os benefícios das tecnologias dependem da forma como são utilizadas. O uso excessivo ou descontextualizado pode comprometer o equilíbrio entre as experiências digitais e as interações presenciais, fundamentais para o desenvolvimento humano. Dessa forma, torna-se necessário promover práticas que favoreçam o uso consciente dos recursos tecnológicos, evitando que o ambiente digital substitua experiências importantes de convivência familiar, escolar e social.

Kenski argumenta que as tecnologias devem ser incorporadas aos processos educativos de maneira crítica e intencional, contribuindo para aprendizagens significativas e para o desenvolvimento integral dos estudantes. Nesse sentido, a saúde mental dos indivíduos com TEA pode ser fortalecida quando os recursos digitais são utilizados como instrumentos de inclusão, comunicação e aprendizagem, sempre acompanhados por orientações adequadas e relações humanas significativas.

Assim, os impactos das mídias digitais sobre a saúde mental não decorrem exclusivamente da tecnologia em si, mas da qualidade da mediação realizada por educadores e familiares, do equilíbrio no uso das telas e das oportunidades de interação social oferecidas aos estudantes.

As reflexões de Turkle (2011) indicam que o uso excessivo das tecnologias pode reduzir oportunidades de interação presencial e enfraquecer vínculos interpessoais significativos. De forma semelhante, Twenge (2017) identifica associações entre o aumento do tempo de exposição às telas e indicadores de ansiedade, isolamento social e redução do bem-estar psicológico entre crianças e adolescentes.



6.2 O USO DAS TELAS, SAÚDE MENTAL E AS ORIENTAÇÕES DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA

O aumento da exposição de crianças e adolescentes às tecnologias digitais tem despertado preocupações relacionadas aos impactos sobre a saúde mental, o desenvolvimento cognitivo e as relações sociais. De acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2024), o uso excessivo de telas pode estar associado a dificuldades de atenção, alterações do sono, sedentarismo, irritabilidade, ansiedade e prejuízos nas interações familiares e sociais. A entidade alerta que a utilização prolongada de dispositivos eletrônicos pode interferir diretamente na qualidade de vida de crianças e adolescentes, afetando aspectos físicos, emocionais e comportamentais.

A SBP recomenda que crianças menores de dois anos não sejam expostas a telas, exceto para comunicação com familiares por videochamadas. Para crianças entre dois e cinco anos, o tempo de exposição deve ser limitado a, no máximo, uma hora por dia, sempre com supervisão dos responsáveis. Entre seis e dez anos, recomenda-se até duas horas diárias, enquanto adolescentes devem utilizar as tecnologias de forma equilibrada, evitando excessos e garantindo a manutenção de hábitos saudáveis relacionados ao sono, à atividade física e à convivência social.

A entidade ressalta que as tecnologias digitais fazem parte da realidade contemporânea e podem oferecer benefícios educacionais, comunicacionais e inclusivos quando utilizadas de forma adequada. Entretanto, recomenda que o tempo de exposição às telas seja acompanhado por adultos responsáveis e equilibrado com atividades presenciais, práticas corporais, momentos de lazer, leitura, brincadeiras e convivência familiar.

No caso de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), essas orientações tornam-se ainda mais relevantes. Embora os recursos digitais possam favorecer a comunicação, a aprendizagem, a previsibilidade das rotinas e a participação social, sua utilização excessiva pode limitar experiências fundamentais para o desenvolvimento das habilidades sociais, emocionais e relacionais. A mediação adequada torna-se indispensável para que a tecnologia atue como instrumento de apoio ao desenvolvimento e não como fator de isolamento.

As contribuições de José Moran e Vani Moreira Kenski reforçam essa compreensão ao destacarem que os recursos tecnológicos produzem melhores resultados quando integrados a propostas educativas planejadas e acompanhadas por processos de mediação pedagógica e familiar. Para os autores, a tecnologia deve ser utilizada como ferramenta de aprendizagem significativa, promovendo autonomia, participação e inclusão.

A Sociedade Brasileira de Pediatria enfatiza ainda a importância da participação ativa da família e da escola na construção de hábitos digitais saudáveis. O estabelecimento de limites, a supervisão dos conteúdos acessados, a criação de rotinas equilibradas e o incentivo às interações presenciais constituem



estratégias essenciais para promover o desenvolvimento integral, a saúde mental e a qualidade de vida de crianças e adolescentes, incluindo aqueles com Transtorno do Espectro Autista.

6.3 O PAPEL DA ESCOLA NA MEDIAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

A escola ocupa posição estratégica na construção de práticas educativas que promovam o uso equilibrado das tecnologias digitais. Mais do que simplesmente disponibilizar recursos tecnológicos, as instituições educacionais precisam desenvolver propostas pedagógicas que orientem os estudantes para uma utilização crítica, consciente e responsável dessas ferramentas.

As contribuições de Freire oferecem importantes subsídios para essa reflexão. O educador defende uma educação comprometida com a formação crítica dos sujeitos, capaz de promover autonomia e participação social. Sob essa perspectiva, a escola deve incentivar os estudantes a refletirem sobre seus hábitos digitais, compreendendo tanto as potencialidades quanto os limites das tecnologias.

Vygotsky também destaca a importância da mediação realizada por sujeitos mais experientes nos processos de aprendizagem. No ambiente escolar, essa função é desempenhada pelos professores, que atuam como mediadores entre os estudantes e os conhecimentos culturalmente produzidos.

No caso de alunos com TEA, a mediação pedagógica torna-se ainda mais relevante. Os educadores precisam selecionar recursos adequados, organizar atividades que favoreçam a interação social e garantir que a tecnologia seja utilizada como instrumento de aprendizagem e inclusão.

Projetos de educação digital, atividades colaborativas, uso equilibrado das telas e incentivo às interações presenciais representam estratégias capazes de promover um ambiente educacional mais saudável e inclusivo.

6.4 A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA CONSTRUÇÃO DE HÁBITOS DIGITAIS SAUDÁVEIS

A família desempenha papel fundamental na formação dos hábitos relacionados ao uso das tecnologias digitais. Em um contexto marcado pela ampla presença de dispositivos eletrônicos no cotidiano, o acompanhamento familiar torna-se indispensável para promover experiências digitais equilibradas e adequadas às necessidades de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista.

Segundo Moran (2015), a aprendizagem ocorre em diferentes espaços e contextos, ultrapassando os limites da escola. Nesse cenário, a família assume importante função educativa ao orientar, acompanhar e participar das experiências digitais vivenciadas pelas crianças. O diálogo constante, o estabelecimento de rotinas e a definição de limites contribuem para que as tecnologias sejam utilizadas de forma produtiva e saudável.

Kenski (2012) destaca que a formação digital não depende apenas do domínio técnico dos recursos tecnológicos, mas também da capacidade de utilizá-los de maneira crítica, ética e responsável. Assim, a



participação da família torna-se essencial para desenvolver atitudes conscientes em relação ao uso das mídias digitais, favorecendo a construção de hábitos que promovam o bem-estar e a aprendizagem.

No caso dos indivíduos com TEA, a mediação familiar assume relevância ainda maior. O acompanhamento das atividades realizadas nos ambientes digitais permite identificar interesses, dificuldades e potencialidades, possibilitando que os recursos tecnológicos sejam utilizados de forma alinhada às necessidades específicas de cada criança ou adolescente.

Dessa forma, a construção de hábitos digitais saudáveis depende da atuação ativa da família, que deve promover o equilíbrio entre as atividades online e as experiências presenciais, fortalecendo vínculos afetivos, interações sociais e oportunidades de desenvolvimento humano.

6.5 ESTRATÉGIAS DE MITIGAÇÃO PARA ESCOLA E FAMÍLIA

Considerando a crescente presença das tecnologias digitais nos ambientes educacionais e familiares, torna-se fundamental desenvolver estratégias capazes de potencializar seus benefícios e reduzir possíveis limitações relacionadas ao seu uso inadequado. As contribuições de Moran e Kenski evidenciam que a utilização das tecnologias deve estar associada a processos de mediação, planejamento e formação contínua.

Entre as principais estratégias destacam-se o uso pedagógico intencional das tecnologias, a definição de objetivos claros para sua utilização e a promoção de atividades que integrem recursos digitais e experiências presenciais. Moran (2015) ressalta que a tecnologia deve estar a serviço da aprendizagem significativa, favorecendo a participação ativa dos estudantes e contribuindo para o desenvolvimento de competências cognitivas, sociais e emocionais.

Outra estratégia importante consiste na formação continuada dos profissionais da educação. Kenski (2012) argumenta que os professores precisam desenvolver competências relacionadas ao uso pedagógico das tecnologias, sendo capazes de selecionar recursos adequados e criar práticas educativas que favoreçam a inclusão e a aprendizagem dos estudantes com TEA.

A participação da família também constitui elemento essencial nesse processo. O acompanhamento das atividades digitais, a organização de rotinas equilibradas e o incentivo às interações sociais presenciais contribuem para o desenvolvimento de hábitos saudáveis e para a utilização consciente das tecnologias.

Além disso, recomenda-se a promoção de projetos de educação digital que estimulem o uso crítico, ético e responsável das mídias, bem como a valorização de atividades que fortaleçam a convivência social, a comunicação e a autonomia dos estudantes.

Dessa forma, as estratégias de mitigação não devem estar voltadas para a restrição das tecnologias, mas para sua utilização equilibrada, consciente e pedagogicamente orientada. Quando mediadas por educadores e familiares, as tecnologias digitais podem tornar-se importantes instrumentos de inclusão,



aprendizagem significativa e desenvolvimento humano para crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista.

7 CONTRIBUIÇÕES ESPERADAS PARA A INCLUSÃO E SAÚDE MENTAL DE PESSOAS COM TEA

A presente pesquisa busca contribuir para a ampliação das discussões acadêmicas acerca da relação entre mídias digitais, saúde mental e Transtorno do Espectro Autista (TEA). Espera-se que os resultados permitam compreender de forma mais aprofundada como os recursos tecnológicos influenciam o desenvolvimento cognitivo, emocional e social de crianças e adolescentes autistas.

Pretende-se evidenciar que as tecnologias digitais, quando utilizadas de forma planejada e mediada, podem favorecer significativamente os processos de aprendizagem, comunicação e inclusão social. Recursos como aplicativos educativos, sistemas alternativos de comunicação, jogos pedagógicos e plataformas interativas tendem a ampliar as possibilidades de participação dos estudantes com TEA nos ambientes escolares e familiares.

Por outro lado, espera-se identificar que o uso excessivo e desregulado das mídias digitais pode contribuir para o surgimento ou agravamento de dificuldades relacionadas à saúde mental, incluindo ansiedade, isolamento social, irritabilidade, dependência tecnológica e dificuldades de autorregulação emocional.

A pesquisa também pretende demonstrar que a atuação conjunta entre escola e família constitui um dos principais fatores de proteção frente aos riscos associados ao uso inadequado das tecnologias digitais. A mediação pedagógica e familiar poderá ser identificada como elemento fundamental para promover experiências digitais equilibradas e alinhadas às necessidades específicas dos indivíduos com TEA.

Além disso, espera-se que o estudo forneça subsídios teóricos e práticos para educadores, familiares e profissionais da área da educação, contribuindo para a elaboração de estratégias que favoreçam o uso consciente das tecnologias digitais e fortaleçam os processos de inclusão social e educacional.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa permitiu compreender que as mídias digitais exercem papel cada vez mais relevante na vida de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista, apresentando potencial para favorecer a comunicação, a aprendizagem e a inclusão social. Quando utilizadas de forma planejada e mediada, as tecnologias podem contribuir significativamente para o desenvolvimento cognitivo e socioemocional dos estudantes.

As contribuições de Vygotsky e Freire evidenciam que a aprendizagem ocorre por meio das interações sociais, do diálogo e da mediação humana. Complementarmente, Moran e Kenski demonstram



que as tecnologias digitais ampliam as oportunidades de aprendizagem quando integradas a metodologias participativas, processos de mediação pedagógica e propostas educativas inclusivas.

Os resultados também indicam que o uso excessivo das telas pode trazer desafios relacionados à saúde mental, tornando indispensável a atuação conjunta da escola e da família na construção de hábitos digitais saudáveis. Nesse sentido, as orientações da Sociedade Brasileira de Pediatria reforçam a importância do equilíbrio entre experiências digitais e interações presenciais.

Conclui-se que a tecnologia deve ser compreendida como instrumento de apoio ao desenvolvimento humano, à inclusão e à aprendizagem. Sua efetividade depende da qualidade da mediação realizada por educadores e familiares, garantindo que os recursos digitais contribuam para a promoção da saúde mental, da autonomia e da participação social de crianças e adolescentes com TEA.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR. Porto Alegre: Artmed, 2022.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 68. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. 8. ed. Campinas: Papirus, 2015.

KENSKI, Vani Moreira. Tecnologias e ensino presencial e a distância. 9. ed. Campinas: Papirus, 2012.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Summus, 2015.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. O desafio das diferenças nas escolas. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MORAN, José Manuel. A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. 5. ed. Campinas: Papirus, 2014.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. Novas tecnologias e mediação pedagógica. 21. ed. Campinas: Papirus, 2015.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. #MenosTelas #MaisSaúde. Rio de Janeiro: SBP, 2024.

TURKLE, Sherry. Alone Together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other. New York: Basic Books, 2011.

TWENGE, Jean M. iGen: Why Today's Super-Connected Kids Are Growing Up Less Rebellious, More Tolerant, Less Happy—and Completely Unprepared for Adulthood. New York: Atria Books, 2017.



VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.